

# MEGHE DHAKA TARA / 1960

(*"A Estrela Escondida"*)

um filme de Ritwik Ghatak

**Realização:** Ritwik Ghatak / **Argumento e Diálogos:** Ritwik Ghatak, baseado num romance de Shaktipada Rajguru / **Fotografia:** Dinen Gunta / **Direção Artística:** Revi Chattopadhyay / **Música:** Jyotirindra Maitra / **Montagem:** Ramesh Jushi / **Interpretação:** Supriya Choudhury (Neeta), Anial Chatterjee (Shankar), Bijon Bhattacharya (o Pai), Gita Ghatak (Geeta), Gita De (a Mãe), Dwiju Bhawal, Niranjana Ray, Satindra Battacharya, etc.

**Produção:** Chitrakalpa / **Cópia:** dcp, preto e branco, legendado em inglês e eletronicamente em português, 125 minutos / Inédito comercialmente em Portugal. Apresentado pela primeira vez no nosso País a 25 de Outubro de 1986, na Sala Dr. Félix Ribeiro (Cinemateca Portuguesa, Lisboa) por ocasião da I Retrospectiva do Cinema Indiano.

Sessão apresentada por Augusto M. Seabra

---

Ruy Cinatti escreveu um dia um poema intitulado "Quando Eu Partir"

Cito-o todo:

*Quando eu partir, quando eu partir de novo  
A alma e o corpo unidos  
Num último e derradeiro esforço de criação;  
Quando eu partir...  
Como se um outro ser nascesse  
De uma crisálida prestes a morrer sobre um muro estéril  
E sem que o milagre lhe abrisse  
As janelas da vida...  
Então pertencer-me-ei.  
Na minha solidão, as minhas lágrimas  
Hão-de ter o gosto dos horizontes sonhados na adolescência  
E eu serei o senhor da minha própria liberdade.  
Nada ficará no lugar que eu ocupei.  
O último adeus virá daquelas mãos abertas  
Que não-de abençoar um mundo renegado  
No silêncio de uma noite em que um navio  
Me levar para sempre.  
Mas ali  
Hei-de habitar no coração de certos que me amaram;  
Ali hei-de ser eu como eles próprios me sonharam;  
Irremediavelmente  
Para sempre.*

É possível que me tenha lembrado deste poema porque quando vi, pela primeira vez o filme, Ruy Cinatti tinha morrido há poucos dias. Mas a ordem de emoções e de beleza deste poema são a ordem de emoções e de beleza de **A Estrela Escondida** e este poema era o poema que Neeta podia dizer à hora da sua morte. O seu desespero e a sua esperança são semelhantes ao daqueles inesquecíveis minutos (ou são segundos?) em que depois de todo o mundo rodar 360º na mais bela panorâmica da história do cinema, antes dos ecos e dos trovões, ela nos diz: "*E eu queria tanto viver. Eu queria viver. Eu queria*

viver". E as lágrimas dela (alma e corpo unidos) têm o gosto dos horizontes sonhados na adolescência, quando se ia sentar à beira do rio com o homem que casou com outra.

**A Estrela Escondida**, primeiro painel da trilogia suprema da obra de Ghatak, com **Mi Bemol** de 1961 e **Subarnakha** de 1962, é um filme sobre o qual é perigosíssimo falar, porque qualquer palavra ou qualquer comentário se arrisca a ser que o filme jamais é: retórica vã.

Por isso, deixei que um poeta falasse em vez de mim. Por isso, este vai ser um texto muito curto. Para além de Cinatti, três citações de Ghatak. Para além de Ghatak, três notas confessionais para lhes dizer onde eu fiquei mais estarecido.

Ghatak - Citação 1: "**Meghe Dhaka Tara** é um filme ambicioso. Porque trata de um tema universal e porque se baseia na tradição da minha terra.

*Nos últimos setecentos ou oitocentos anos, emergiu um particularíssimo fenómeno bangali. Sob a influência de leis sagradas, os Smritis, sociedade bangali, adoptaram entusiasticamente a tradição dita do Geuri Daam ou do casamento de crianças. As raparigas de oito anos deixavam a casa da sua família e partiam para uma terra desconhecida, para uma casa desconhecida, onde rostos severos à volta dela a iriam aterrar, e onde imensas iriam ser as suas saudades da casa dos pais.*

*É esta a mágoa, é esta a dor que se exprime nos nosso folclore. É esta a razão porque as lágrimas correm quando a Deusa Durga chega e parte novamente. Durga, a nossa filha. É, por isso, que o Outono é tão triste para nós".*

*É uma estranhíssima manifestação exterior da imagem da Grande Mãe. Esta é a ideia fundamental que presidiu a **Meghe Dhaka Tara**.*

Ghatak - Citação 2: "*Uma rapariga, uma rapariga vulgaríssima, exausta após um dia de trabalho, fica às vezes muito tempo diante da minha casa, à espera do autocarro. Com ela uma data de papeis e um cesto na mão. O cabelo dela forma-lhe uma espécie de halo à roda da cabeça e da cara, e, à vezes, por causa da transpiração, há gotas na cara dela. Inventei uma história a partir dos leves traços de dor na cara dela. A minha imaginação levou-me a conceber o drama mais comum, mas mais inesquecível, a partir daquela vida. Forte, firma, determinada vida. Mas também terna, embaciada, infinitamente paciente vida".*

Ghatak - Citação 3: "*Todos os meus filmes são experimentais. Todos os meus filmes são, para mim, exercícios totais. Não consigo ter opinião sobre eles. Mas quando me vêm dizer, por exemplo, que o grito não realista duma rapariga consumida - 'Quero viver' - berrado quando está a morrer, é coisa horrivelmente forçada, fico atónito. Nessa altura, convenço-me que não fui capaz de comunicar a relação inteiramente alegórica entre Uma - a mulher do Senhor da Destruição, arquétipo de todas as raparigas e de todas as noivas de todas as casas de Bengala desde há séculos - e a protagonista do meu filme".*

Nota confessional 1: O plano inicial - aquela imensa árvore, que voltará e voltará - já me deixa sem respiração. É lindíssimo? É. É fabulosamente bem filmado e bem fotografado? É. E prodigiosamente enquadrado. É. Mas há mais do que isso e não consigo explicar o que é. Talvez o poema de Keats, mais tarde citado pelo pai: "*The poetry of Earth is never dead*".

Nota confessional 2: Neeta é um dos personagens femininos mais belos alguma vez vistos em cinema. Ora me lembra Bresson, ora Dreyer. O tal halo, a transpiração, só os vi antes na **Paixão de Joana d'Arc**. Pergunto-me se não serão formas do mesmo mito. E se a Donzela de Orleans, no fogo, não gritou como ela. "*E eu queria viver. Eu queria tanto viver*". Ou não disse, como ela, que o seu único pecado era não ter protestado o bastante contra a injustiça.

Nota confessional 3: Porque vem, também, ritmicamente, aquele som do fogo a crepitar associado à imagem da Mãe? Porquê aquele plano obscuro e breve das escadas imensas duma grande casa? E a sequência súbita da casa de Shankar, quando desce a escada com o grande plano absoluto. E por que é que Neeta é Sindbad, o marinheiro. Já ouvi várias respostas e nenhuma me pareceu racional. Mas quando penso neste filme é tudo isso que volto a ver. E sempre Supriya Choodhry. E as canções. E a língua mais musical do mundo.

Acabei. Não disse nada. Mas pode-se dizer? E a quem não disse, não se diz.

JOÃO BÉNARD DA COSTA